

Trimestre.....	23000
Semestre.....	46000
Anno.....	86000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

«O que nos dá a vida, dá-nos a morte, e o que nos dá a vida, dá-nos a morte, e o que nos dá a vida, dá-nos a morte.»
— Inegata humana, in actum ad economicum verba.
(S. Paulo, ad Romanos, Epistolae Cap. V, v. 12).

Maranhão, 30 de Dezembro de 1880

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE DEZEMBRO DE 1880.

Um crime horroroso.

No *Journal do Recife* de 25 de novembro temos o seguinte:

«Ao nosso escriptorio veio um acreditado commerciante da nossa praça e nos mostrou uma carta escripta, a 25 de mez ultimo, por um seu communicante, morador no interior da provincia, e que nos affiançou ser pessoa de confiança, trazendo a seguinte narração:

«Deu-se aqui um acontecimento simultaneamente monstruoso e perverso, tanto mais quanto o seu autor é um *santo* *cação* que faz ostentação de ser jesuíta, e a quem, em má hora, fora confiado o poder espirital sobre a população d'esta freguesia.

«O facto é o seguinte:

«Uma moça de familia pobre, mas honrada, tendo ajustado casamento, teve de confessar-se; dirigio-se ao respectivo parochio que mandosamente impoz-lhe como penitencia *currer em certa madrugada*, que determinara, a capella de S. Serafim. Ella apenas um pretexto que esse lobo arvorado em pastor prostrava para realizar suas intencões sinistras, seus instintos bestiaes.

A pobre e innocente victima, na madrugada marcada, dirigio-se ao templo, onde tinha de fazer a penitencia, em companhia de uma pessoa menor de sua familia; alli já se achava então o *bono* do pastor, que, mandando quem acompanhava a moça buscar uma vacilla para apoiar o risco, investio sobre ella, e não obstante a resistencia que lhe foi opposta, não obstante aclar-se dentro do templo sagrado do Senhor, junto ao altar-mor, arrancou miseravelmente a capella de virgem, que a ornava, fazendo-a desgracada, e levando a deshonra ao seio de uma familia!!!

«São sempre assim os jesuitas!

«Toda a penitencia é pouca para com esses abutres da fortuna, da felicidade e da honra da humanidade!»

O facto cuja narração acabamos de transcrever appareta-se-nos com todos os caracteres da veracidade. Pintado em toda a sua hediondez, desacompanhado de todo o commentario, tem a eloquencia enegme da verdade. Factos d'estes não se inventam—contam-se.

Ficis ao nosso programma de combater essa sinistra individualidade—o padre romano, não podemos hoje esquivar-nos ao dever de commentar o acontecimento monstruoso acima narrado. Defensores da causa da humanidade, não podemos permanecer impassiveis ante essa grande hofetada lançada por um sacerdote nas faces da honra da mulher, no rosto da virtude da virgem.

Temo-lo dito, e tudo nos parece confirmar no nosso juizo:—o padre romano é de sua essencia perverso. Sequestrado da humanidade, privado da familia, isolado dos affectos, é moralmente um monstro. A amputação moral que soffre é uma mutilação que lhe altera absolutamente a consciencia. De homem só conserva a forma; não—a essencia. A essencia do homem é amar. O padre não pode amar. Quem não ama—odra. O padre só pode odar.
E o odio do padre é enorme. O mun-

do para elle transforma-se em objecto de uma aversão immensa. Eunctio moral desde o dia em que os votos o separaram da humanidade, torna-se vil e abjecto. Tudo o que é bello, tudo o que é nobre, todo o que eleva a alma, lhe é vedado. Esta prohibição de que é victima aguçá-lhe os appetites, irritá-lhe os instintos. Deixa de ser homem para ser uma besta fera. A lei que lhe fecha a porta da familia abre-lhe a da libertinagem. O santo prazer de unir-se a uma mulher para de toda a mente para elle não existe. Não podendo ler a mulher, elle só ambiciona a prostituta. Exiliado das regiões luminosas do bem, lança-se no mundo tenebroso da corrupção. Corromper e corromper—eis a sua missão. Por toda a humanidade a seu nível abjecto—eis o seu fim.

E contão o sacerdote é um homem. A natureza dotou-o dos mesmos orgãos que a natureza humana. Physiologicamente constituido como os demais mammiferos, a força vital que o anima está na absoluta dependencia dos orgãos que a geram. E a organização physica diz ao padre que ama. Dê-o como o diz a todos os seres animados, desde a flor cujo pollen os ventos arremçam nos ares, até ao primeiro desanthropomorphos. A missão de todos os seres é viver. A vida é o meio e o fim de todo o organismo. E o prologo da vida resume-se a um paravra—O amor.

Negar ao padre o amor é desfigurar o homem. É mentir a natureza que o criou. É ir d'encontro á mais sãnta das leis—à da evolução physica. É total—um aborto monstruoso—um ser inutil e repugnante—nota discordante na harmonia universal da materia. É finalmente tocar o angé da perversidade—fazer um homem que não é homem.

A Igreja gerou este monstro no dia em que exigiu do padre a castidade absoluta.

O celibato do padre—eis o filho immoral da mais immoral das instituições. O filho é digno do pai.

Um padre que viola uma virgem junto do altar mor do templo que elle deve venerar é um ser infame para cujo crime o prelado é um impossivel.

Não tentamos portanto desculpa-lo. Não lhe attenuaremos o crime. Abominamo-lo demais para que o ficemos. Vamos porca estudar-o. O crime é um effeito. Julgamos essencial remontar a causa que o produzio. Só a causa nos pode dar a luz d'este effeito monstruoso.

Dissemos que o celibato do padre é um facto immoral. Da immoralidade d'esse facto concluiremos que o crime de que hoje nos occupamos é seu filho legitimo. Vamos provar-lhe a legitimidade.

Exigir de um homem mais do que a sua organização pode dar é um attentado contra a natureza. Estabelecer como virtude uma privação, que vai d'encontro a lei natural, é mutilar o homem. Esta mutilação na ser pensante não pode ter só-lhe consequências funestas.

O homem é por essencia um animal. N'elle existem duas forças cuja harmonia estabeleca a vida. A primeira é o conjunto physico dos seus orgãos; a segunda—a influencia do meio em que o organismo se desenvolve. A resultante d'estas duas forças é a intelligencia, a pensamento, ou a alma.

Pedir ao pensamento humano a supressão das funcões de qualquer orgão

é portanto amputar na resultante uma parte das forças motrizes. Esta amputação não pode ter lugar senão por um enorme esforço moral. É o caso de se dizer—O pensamento tortura a materia de que o homem é formado. Uma tal tortura só pode rambuzir o homem a dois resultados. No primeiro—revoltar-se contra ella; no segundo—obedecer-lhe, e então necessariamente dá-se a desharmonia no jogo do seu organismo.

E depois, alem da natural, ha a lei social. Socialmente o homem é um ser destinado a reproduzir-se. Assim como recebeu a vida deve transmiti-la. Nada mais é do que um elo na immensa cadeia da evolução humana. Negar-lhe a facilidade de se reproduzir é rebolá-lo á vida social para o mergulhar no egoismo. É uma crime contra a sociedade; é um crime contra a humanidade.

Por essa impossição analog feita por Gregorio VII o padre é um homem que tem naturalmente de mentir a lei natural e á social. Prohibido-lhe o que a natureza exige, vedando-lhe o que a sociedade ordena, o padre forçado ao isolamento só pode ser cynico ou hypocrita.

Sua, cynico ou hypocrita. Cynico, se abertamente declarar-se contra a instituição que o domina, desrespeitando a lei que lhe impõe a castidade e lançando-se na devassidão. Cynico, porque não podendo ter legalmente familia, não podendo aspirar á posse da mulher virtuosa, tem fatalmente que, ou ir buscal-a aos bordes, ou obtê-la por meios ardilosos e infames. Cynico, porque a paternidade, que para os outros homens é um titulo de gloria, para elle transforma-se em ferrete d'ignominia, forçando-o socialmente a occultá-la. Cynico, finalmente, porque é o primeiro a cuspar na instituição que lhe garante os meios de subsistencia.

No caso opposto os males ainda são piores. A hypocrita é um flagello mais terrivel que o cynismo. O padre, que obedecer á imposição do celibato, tem forçosamente que ser não é hypocrita. Não, porque ha-de adiar seu semelhante que tem gosos que elle não possui. Hypocrita, porque tem constantemente que mentir a seus desejos, ás suas aspirações. Hypocrita porque mente a si e aos homens. Hypocrita, porque essa obediencia á instituição que o fez emicho só pode a'elle ser odida por meio de um martyrio continuado que elle tem precizamente que occultar. Hypocrita, porque é um homem que tem de renegar a humanidade, dando á abstenção a apparencia da virtude.

Eis o padre como o tem feito a Igreja. Eis o dilemma terrivel em que ella o precipitou.

Entre estes dois precipícios onde irá elle bater?

Não hesiteis de que o padre seja corrupto.

A verdadeira corrupção está na instituição.

Esse padre, que por um meio infame roubou a virtude a uma dozelza no recinto de um templo, é um cynico tal como o celibato clerical o fez. Lançado entre as pontas do dilemma preferio a devassidão á castidade. Obedeceu a seu organismo—foi mais miseravel que o mais miseravel dos seres.

Imaginat um homem que deamado pelo interesse de conseguir facéis meios de

subsistencia abraça essa profissão que se chama sacerdotio. Afugrai-vos um individuo que vai vender a sua liberdade para obter por meios infalliveis o pão de cada dia. Vede esse ente que se afasta na phalange das parasitas, procurando na inutilidade o meio de poder prover á sua sustentação individual. Vede-o reunindo ao mundo para viver á custa do mundo. Contemplai-o dizendo adeus á familia para ser o soldado d'essa instituição negra—Catholicismo.

O que este homem ha-de ser? Fácil é prever que seu Norte não será o bem. Privado da familia, dos gozos a que finda direito, forçosamente ha de vingarse na humanidade da tortura que ella lhe impoz.

Imaginat o mesmo homem vendo uma mulher e amando-a. Pensa no tormento moral que d'elle se apodera. Vede como elle se estorpe pensando na impossibilidade que encontra na realisação de seus desejos. Medita na immensa inveja que o domina quando vê a felicidade bafegar os seus semelhantes. Abutida a cohera surda que no coração se lhe ánta. Temi as consequências d'essa tempestade de trevas.

E continuat a ficção. Vede o mesmo homem confessando essa mulher que ama e que lhe é violada, em vespuras de a ver perbuar a natureza. Observat esse enorme tormento que o corroe. Conjecturai os pensamentos infrenes e perversos que na sua mente relutam. Não pasmais se este homem procurar sanar a tortura por meio de uma infamia. Se elle o fizer está no papel que lhe marcaram. Tem de fatalmente ser máo.

O homem que acabou de ver é o que viola a virgem junto do altar. É a besta sensual que desrespeita todo para saciar seus instintos. É o miseravel que só pela corrupção pode obter o que persegue ao amor. É o ser que só pode comprar o prazer por meio do crime, ao passo que outros o obtém por meio da virtude. Sode com elle severo. Abominai-o até. Mas, se o esmagardes com vosso desprezo, esmagai tambem a instituição que o fez infame. Declarai guerra ao celibato do padre, como o podeis declarar á prostituição. O padre é o homem a quem o celibato prostituo moralmente.

Se o quereis fazer bem, se o quereis odar, dai-lhe a familia. Só a familia o pode regenerar.

Accusai portanto esse padre infame que mandou a virgem. Accusai tambem essa Igreja que o fez igual ao frupto. Sede justos com elle; sede justos com a Igreja.

Abominal a causa e o effeito.

O facto narrado pelo *Journal do Recife* é digno de uma immensa reflexão.

Vós que nos ledes reflecti portanto sobre elle. Penai. Vosso pensamento ha-de ser-vos útil.

Lexadas pelo espirito da superstição, cogitadas pela pressão que n'ellas exerce a religião que a impozitura lhes impoz, muitas mulheres se precipitam nas pes do padre romano, julgando n'elle encontrar uma virtude que as guie.

Tremei d'essa virtude se ella for illusoria. Abastai vossas mulheres e vossas filhas d'esse abyssmo em que inconscientemente se podem arremochar. Tremei de que a virtude do confessor seja ficticia, tremei de que elle introduza no vosso lar a prostituição ou o adultério.

Forçado a uma castidade absoluta raro

não é que o padre não seja um libertino. Temei que a essa libertinagem macule a parte mais bella do genero humano—a mulher. O exemplo deve-vos instruir. A virgem, a orphã, a esposa, a mãe a virva, de la muito são victimas da corrupção do sacerdote, ou antes do crifido clerical. Temei ir com os entes que vos são caros engrassar as fileiras das victimas.

É um conselho que vos damos. Aceitai-o pois de familia—aceitai-o, vós que no nosso seo guardais intacto o culto da honra que vos transmiltam vossos avós. Não deixais a mulher trocar a religião de seus deveres pela religião dos instinctos—a do padre. Fazei-a viver mais em familia do que na Igreja.

O verdadeiro templo da mulher é o lar. Não afasteis muito do altar da virtude a sacrificadora.

Os covardes.

A Igreja Romana em nosso seculo é uma entidade tão vil que parece não poder receber socorros senão da lama social.

Apoz essa avalanche de luz—o seculo XVIII, apoa esse catharsis do heu—noventa-e-trez, o Catholicismo demollido na essencia pelos philosophos e pelos revolucionarios só tem podido manter-se fraudando com a escoria social. Preciando de um exercito para sua defesa, não podendo recrutar-o entre os homens bem intencionados, não podendo n'elle alistar aquelles que conservam toda a luz da consciencia, a Igreja tem-se visto forçada a ir buscar seus soldados na plaiagem andaz dos especuladores, nas cohortes d'esses homens vis que trocam suas convicções por um punhado de metal.

Podese portanto affirmar com a maior das exactidões que, hoje em todas as partes em que o Catholicismo domina, esse dominio foi comprado pela mais abjecta das transacções. A Igreja repellida pelos homens honestos disse aos infames:—Sede meus defensores, que provei a vossa sustentação. E os infames, os seres sem imputação moral, lançaram-se nos braços da Igreja. Ha muito privados da consciencia, ha muito despidos de toda a intenção nobre, sentiram-se felizes em se arvorar defensores da mais immoral das instituições—o parasitismo ecclesiastico.

Foi assim que em meado d'este seculo começou a lavar socialmente uma propaganda destinada a reerguer o Papado. Foi assim que vimos a hydra de Roma alçar a cabeça em meio dos povos beijados pela luz do progresso. Declarando guerra à sciencia, lançando matilhas sobre a liberdade do pensamento, a Igreja auxiliada pelos especuladores julgou restabelecer o seu jugo sobre as nações. Armado na sombra mmas guerrilhas de trevas, julgou-se apta para oppor aos guerreiros da luz uma cohorte de trevas.

E por toda a parte o Catholicismo procurou apoios para as suas tentativas relogadas. Dirigió-se á ignorancia para n'ella fecundar o germen do fanatismo. Dirigió-se á má fé para n'ella obter meios astutos de triumphar. Dirigió-se á mediocridade presumposa para n'ella insular o seu virus da corrupção. Dirigió-se, finalmente, a tudo o que ha de repugnante, e obteve o seu desideratum fazendo a vilzeja e a astucia a defende-rem-na.

Mas o seculo XIX era um seculo de luz. Era um seculo que tinha o hem por Norte e a sciencia por guia. Era o seculo em que a imprensa representava o papel de Messias civilizador. O livro e o jornal—essas fontes da illustração, traziam ao espirito a redenção moral. O padre pensou em combater o seculo. Armou-se para o combate e quiz tambem oppor ao livro e ao jornal—um livro e jornal que fossem seus. Preparou-se para combater a sciencia e a liberdade enroscando a imprensa. Forçou os prelos a gemer debaixo do peso dos absurdos. Desenhrou os

tipos encarregados de transmiltir no povo a immensa cabera que o dominava contra a humanidade.

Mas no livro a Igreja foi infeliz. As paginas que da mão do padre escapavam eram apenas um esgarro contra a sciencia. O vento da civilização fazia voltá-lo para o rosto de quem o soltava. A sciencia era grande demais para tener o ataque do Catholicismo. Forte de suas grandes verdades proseguio na sua senda gigante. Deixou o padre esbravejar, lío-se de seus gritos coloricos.

Mas o jornalismo restava ao impostrar religioso. O jornalismo, que elle podia auachar a seu talento. O padre aproveitou-se da imprensa periodica. Lançou suas gazetas na rua, e pensou com ellas suffocar o brado do progresso.

É o jornal catholico abriu seu caminho no mundo. Saltador da verdade começou a infestar as consciencias. Por toda a parte appareceu desdenhando a humanidade, lançando sua nodos sobre o pensamento humano.

É no Brazil introduzio-se o saltador. A principio tímido, foi saltando o edificio da liberdade. Panto a pouco entranou audacia, e igual a um cephalopode gigante, procurou estrangulá-la nos seus tentáculos descommodos. Enfermidade escrofosa o jornalismo catholico tentou apoderar-se da organização vital da nação brasileira. Trabalhou para curchar a pastilha.

Uma d'essas pastilhas é o Brazil Catholico. É d'esta escrofula moral que vamos tratar.

No n. 7.º do nosso periodico respondemos a uma aggressão que nos havia sido feita por um jornal publico no Rio de Janeiro. Esse jornal foi o Brazil Catholico, que indicando a nossa appareção na imprensa, se dignou cavallitadamente tratar-nos de mentirosos e de calumniadores.

A aggressão era portanto de sua natureza extremamente grosseira e malevolá. Era uma aggressão brutal e descommodada. A resposta a um tal ataque não podia ser senão enérgica.

Respondemos portanto com energia. Fortes da verdade que nos assiste provamos ao jornal catholico que a mentira e a calumnia se existiam não era do nosso lado. Fizemos-lhe comprehender que a um ataque assim usado tinhamos que oppor a simples logica da verdade. A verdade—arma querida nossa—bastaria para confundir-o da sua petulancia.

E esta resposta que trancamos chegou ás mãos dos redactores d'esse jornal. Chegou como o fulmineo desejado. Chegou prenu de toda a sua fôrça desabando sobre os estultos reaccionarios como um monolitho enorme que tudo esmagou. Chegou mais forte, mais vigorosa, do que fulminamos presumido. No trajecto pareceu que acria forças.

O jornal catholico recebeu-a. Recebeu-a corrido como um clown a quem o publico pateia. Lou-a e sentiu-se pequeno. Elle que atacara julgando encontrar fraços adversarios, deixou-se dominar pela covardia apenas leve contedores. Conhecendo a precipitação com que procedera atacando quem vale mais do que elle pensou em fugir. A fuga era o que lhe restava. Era demasiado poltrão para entrar em combate.

Mas a sua fuga foi a do Partha. Foi a fuga infame de quem quer ferir fugindo. Lançou uma flecha desprezavel sobre O Pensador. Alçou-o com o cynismo do medo. Voltando-nos as costas teve ainda o arrojo de nos aliar immundicies. Quiz despedir-se de nós com lama. Essa lama é a injuria e a calumnia que anda nos arremessa. Essa lama é o desprezo com que fugue tratar-nos. Essa lama é a audacia covarde com que foge atrevido.

Quando respondemos ao Brazil Catholico julgamos dirigir-nos a alguém que tivesse bastante coragem para accinar a luta que provocara. Nunca cogitamos que o procedimento d'esse jornal fosse tão covarde como o da Calificação. Vendendo-nos atacados por um jornal catholico

pensamos que essa gazeta saberia avaliar a luta. Estavamos longe de crer que esse ataque traicoino fosse o tiro poltrão de um impostor que foge. Sabiamos a abjeção de que são capazes os defensores da Igreja. Não julgamos porém que essa abjeção fosse as raias da immundicie.

Infelizmente, porém, calhmos em manifesto engano. Fomos victimas de um jizo lenocario. Foi loucura nossa pensar que os redactores do Brazil Catholico valiam alguma coisa. Seu valor é o mesmo que o dos da Calificação. Como elles são fracos e impios, incapazes de ter a responsabilidade do que escreverem, fogem a nuhas de cavallo sempre que encontram quem os fustige ao rosto.

E, o que é mais ainda, esses covardes tem a audacia de affectar desprezo para omisso. Osam clamar-nos paspinciros, quando o verdadeiro paspinco é a gazeta que foge á responsabilidade do que diz? Paspinciros nós que não nos occultamos na freya, nós que estamos prontos a defender a nossa causa, expondo a nossa individualidade a todos os ataques que nos possam dirigir? Paspinciros, nós que jamais afivelamos a mascara do hypocrita para fugir á luta? Paspinciros nós que somos culpados apenas de um crime—defestar em nome da humanidade o maior veridgo que ella tem tido—a Igreja Romana!

O Brazil Catholico julga porém com esta flecha herdada no veneno do fanatismo responder ao que lhe dissemos. O vilão, cujo corpo conserva ainda os vincos do azorrague com que o fustigamos, cuida assim resgatar as mentiras e calumnias com que tentou macular-nos. Engana-se porém. Aqui onde estamos, não obstante nos separarmos cratonas de leguas, estamos prontos a rasgá-lo como merece. A sua covardia de nada lhe servirá. Apudará nas costas, já que não tem a dignidade de expor sua frente aos golpes do inimigo. Em vez do combate terá a surra. A surra, sim, porque um jornal que assim procede é o vil escravo da Igreja. E para o escravo é que foi feito o azorrague.

Diz o Brazil Catholico que o nosso estylo é o da paspinco. Só o conhecem depois que lhe demos a lição. Quanto a nosso respeito pela primeira vez escrevemos assim não pensava. Julgava que fossemos fracos, e por isso creio na possibilidade de atirar-nos. Nossa resposta porém desengano-o. Hoje que a covardia o irrita, é que descolro que nada valamos. O meu intento muitos pretextos. A intelligencia sabe abrigar de sua maneira excellente os seus interesses. . .

Se o Pensador é concebido em estylo de paspinco, se nossa linguagem, por violencia, pode merecer esse nome, folgamos em dizol-o, somos o menor dos paspincoeiros. Todos aquelles que tem atacado o Catholicismo hão-se servido de linguagem igual á nossa, e talvez até ainda mais injuriva. Desde Voltare até ao velho e grande Hugo, a Igreja não tem sido atacada com carbozo. Quem vai usar de polidez para com um monstro? Atirar uma instituição satânica não é empreza que se realize com mãos enluvadas. Para que a luta contra os sicarios do Papado? Para que a polidez contra esses negros corvos da consciencia, essas aves negras do Catholicismo? Seria asseira empregar-as. Em nossa epocha não se trata de combater as doutrinas do padre pelo lado scientifico. A sciencia ha muito que derrubou o velho edificio de impusturas que as religioes têm erigido. Quando as sciencias naturaes progredem, quando a philosophia lança por terra as theologias absurdas, os dogmas repugnantes, é ocioso atacar as religioes. O que convem atacar é o sacerdote, é o parasita impostor que vive da ignorancia. É o homem que não trabalha e que consome quando os outros produzem. É o scrophanto que em nome de uma instituição de trevas, quer transfurar a terra em parque de seu despolismo.

É por uma razão d'esta especie que a

linguagem por nos empregada tem um caracter de valentim. Se atirássemos as religioes discutindo-as framente, e mais tarde é provavel que o fignamos. Mas o nosso principal fim é combater o espirito sacerdotal. Esse combate não pode ser calmo. A calma seria a negação da luta. Sem o sacerdote as religioes seriam inoffensivas. O sacerdote é quem d'estas fez instrumento d'escravização dos povos. Contra esse escravocrata seremos justos e despidos.

Vé portanto o Brazil Catholico que nosso estylo de paspinco tem uma razão logica de ser. Deves pensar tambem os seus redactores na inconveniencia que haveria de nossa parte em tratá-los como homens dignos. Nós não queremos descer a tratá-los em pé d'igualdade. Qual de nós teria o desgraçado desejo de descer ao seu nível? Qual de nós teria a coragem de se encolar mergulhando nos pantanos em que coxam as raias do Brazil Catholico? Pois nós que trabalhamos para o futuro seríamos tão mescos que em fignagem quizessemos humilhar com esse jornal? Antes escrever um paspinco do que ser redactor d'un jornal como aquelle.

Provavelmente reconhecidos pela mártir revocaria da Calificação, por essa greo de padres filiosos e astutos, o Brazil Catholico julga convenientemente responder-nos pela covardia maneira porque o fez. E assim que depois de nos deprestar se lembra de fazer elogios á Calificação. Fez muito bem. Um covarde acha sempre outro covarde que o admira. A palavra Calificação que lhe agradeza esse incenso. Ella d'elle hem precisa. Ninguém gosta mais d'elogios do que aquelles que não valem. A Calificação está n'esse caso. Seu valor é o do padre Mourão. . .

Issoa tenentes, amigos!

Cometamos este artigo dizendo que a Igreja só pode ter um apoio—o da escoria social. Provamos que só os especuladores é que lhe podem servir de auxiliares.

Talvez por effeito das larmas que nos obscurecem a intelligencia julgamos que entre esses especuladores figuram com garbo os redactores do Brazil Catholico. Victimas quiza de uma illusão optica imaginamos ver n'elles as phantas dos escreevaldores de periodicos—a escoria do jornalismo. Foi a covardia com que nos respondem quem nos vicia o orgão da vista; foi o cynismo com que nos tratou que nos incutiu esta ideia. Para o nosso actual estado pathologico nada ha mais repellente do que esse jornal. Nada? . . .

Não estamos em erro—anda ha a Calificação.

Sempre que se trata da Igreja Romana suposto se fica a cair em raiasmas d'estes. Julgo-se encontrar a unis abjecta das causas, e ainda se vai lojar com um abjeção maior! . . . Devois do Brazil Catholico isso a Calificação? É um degraço que se desce depois de descer ao Escavo.

O Pensador, julgado pelo Brazil Catholico como a negação da imprensa moralizada, tem hoje o prazer de o considerar bem como a digna Calificação como a negação da imprensa desmoralizada. Um e outro jornal não podem ser considerados ao serio sem quebra de dignidade. Quem pode ligar importancia ao desprezo de Antonio Manoel dos Reis ou ao do Dr. Mourão? Para que o desprezo valha alguma coisa é necessario que venha do alto. É peccato que proceda de alguém que valha mais que o desprezado. Nem Antonio Manoel nem Mourão estão n'esse caso. E até nem repugnancia que lhes escrevemos os nomes. São entidades demasiado filipitanas para que se lhes linte o dito no serio. O que vale o bacharel Antonio Manoel? Quem é entre os homens o Dr. Mourão? Dois zeros e nada mais. Estamos com vontade de os observar ao microscopio para comprehender bem estes insetos. Podrá ser que depois da observação descobramos que a principal parte de seu todo é a covardia e a nullidade.

Resta-nos portanto porem mais a dizer. Já estamos cansados de tratar do Brazil Catholico. Agora é que conhecemos que elle ligamos demasiada importancia fallando d'elle tão nunciamente. O publico que nos disculpe esta falta, e que não creia que desentemos da nossa dignidade occupando-nos com o jornal do Rio. A Camara Municipal não deseja da sua qualidade faz pasturas sobre os esgotos. Pois bem, nós tambem fazemos-as sobre o Brazil Catholico, e com isso não julgamos desdourar-nos. Por mais mesquinho e covarde que se apresente um adversario nosso, estamos dispostos a responder-lhe. Julgamos empurrar até mim devese não deixando de pe toda e qualquer censura, que se nos faça, por mais vassa que seja de importancia.

E depois, sejamos francos, não temos nos fallado da *Cariliosação*?

Quem realisa na litta d'estes tem carta branca para todas as indecencias.

E por isso que neste artigo tratamos dos covardes.

A covardia é uma infidencia.

O covarde é o homem cujo nomeamento.

COLLABORAÇÃO

Mais uma proeza do bispo diocesano.

E de todos conhecidos a perigosa e antipathica posição, que o genio filosofico de S. Exc., sua curta illustração e seus pessimos conselheiros lhe grangeram n'esta infeliz Diocese.

Raro é o dia em que S. Exc. não nos dá exemplo triste da sua ineptidão para tão importante cargo.

Hoje são festas prohibidas; depois missas; em seguida padres mysteriosamente suspensos; mais tarde outros que logem, por assim dizer da Diocese, reclusos dos rances do *capataado*, que sem respeito a S. Exc., dispára contra dignos sacerdotes, com vantagem a qualquer burro de carga.

Enfim se fôssemos capitular todos os destemperos de S. Exc. não teriamos espaço e por isso limitamo-nos a sua ultima proeza.

Es o facto: O Sr. Manoel Antonio do Nascimento, pobre, mas honrado artista, empregado na Fundição da Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão, procurou S. Exc. Revm. solicitando licença para legitimar sua unção com Cecilia, de quem tinha filhos e com quem ha muito coexistia.

Nada mais justo, nem mais honroso. Pois bem, S. Exc. Revm., longe de amicar aquelle homem, que vinha cheio de confiança procurar o seu Pastor para auxiliá-lo em tão sagrado epenho, recebeu-o bruscamente com estas memoráveis palavras, que devem figurar no registro da historia:

«Era melhor continuarem amarelados, visto já serem brados velhos. E só disto que me apparece, dando trabalho, sem fazer algum.»

Depois de muitos rogos conseguiu afinal o artista obter a licença respectiva, cujo despacho foi porem mais ou menos o seguinte:

«Concedo a licença requerida sem pompa, sem ostentação e sem benção.»

Este facto, que nos foi narrado pelo proprio Nascimento na presença de diversos cavalheiros, cujo testemunho invocaremos se preciso for, seria bastante para impopularisar S. Exc. Revm., se por ventura gozasse de qualquer sympathia.

Ora quando uma autoridade constituída pratica a cada momento destempero deste mez, não tem defeza possível; e os que pretendem justificar-a cahem em um ridiculo atroz, como actualmente succede com a *Cariliosação* de sacristia, pastello caricato encarregado d'aquella ingrata tarefa, e onde tambem o mais pedante dos jesuitas cuspe á face da illustrada população d'esta Capital, nojentos elogios, que elle mesmo faz ao seu imaginario talento.

Enchido.

Contraste.

Não vés aceto, ali na escuridão, uma creança rola, esfarrapada, que, tremendo de frio, estende a mão, tua mãozinha secca, desgarçada?

E bem triste, curta o coração, vê-a assua susinha, abandonada, peio amor de Deus pedindo pão, sem ter quem l'ho dê, a desgarçada!

No entanto, n'um paco episcopal, entre mulheres e rapos de coveja, divertirse o clero bestial!

Nun divan, o principe da Igreja encosta a fronte ao seio sensual d'uma mulher, cujos labios beija!

A. de P.

Uma victima do bispo diocesano.

Seguiu no vapor *Perambuco* com destino à Corte, onde vai fixar sua residencia, o Ryd. Congo Baimundo da Purificação dos Santos Lentes, um dos mais distinctos membros do clero maranhense.

Era o conego Lentes, por seu saber e illustração, um dos sacerdotes que a curia jesuitica mais temia, e foi por isso que a calunnia o escolheu de preferencia.

Orvido a principio com respeito e consideração pelo prelado actual, a quem guiava com criterio no difficil cargo de Pastor, foi em seguida posto á margem, victima das miseráveis intrigas d'esse bandido *importado*, que tanto dano tem causado ao digno Clero maranhense; e d'esse moderno Cam, inadmissivel creatura, a quem a propria natureza castigou dando um physico detestavel e asqueroso.

Quem conhecer a nenhuma illustração e genio bilioso do bispo diocesano, pôde facilmente ajuizar do que teria soffrido o Conego Purificação, desde que teve a desgraça de ensinar a S. Exc. Rydm., quão errado era o trilho que seguia.

Soffreu muito e soffreu sempre callado até que a feza trashedon. Ficar era impossivel, porque a paciencia humana tem limites. Retirou-se, mas fêz-o com dignidade. Não lutou com o bispo, seu superior, mas tambem não desceu a humilhar com essa baixa raia, trunvirando infame que, á sombra de S. Exc. Rydm., vai inuando a propria Religião e magando o honrado Clero desta terra maldada.

Mais tarde porem, quando S. Exc. se vir só e reflectir no que tem praticado, ha-de sentir a pungir do remorso e enção se procurar um rosto amigo, encontrará apenas a cara pallidula do perigoso *importado*, ou a caveira esquelada do nimia jesuitica.

A pistica.

O despertar de um potentista.

Em profundo aposento solitario Dormitava tranquillo frei Marrano. E a luz d'uma vela, do sicario O sonolento allumava deslumano.

Mas á porta eis qu'assoma de repente A roupea megrada de Magrico, Frei Marrano acorda involuntico. E pergunta:—o que queres, meu feioco?

O comprido carola interpellado Lhe responde:—apri trago *O Pensador* O maldito jaspina desconfiado.

Negra nuvem cobre as faces do doutor, E Marrano accrescoudo, contristado: Já o sonno perdi, ó meu amor!

D. Gervilho.

Será exacto?

Diz a—*Cariliosação*—orgão dos interesses catholicos, no seu ultimo numero, uma verdade digna de ser registrada, para gloria da nossa provincia. Esta verdade, que talvez fosse arrancada ao filho de S. Sulpicio, esse idiota que deseja

que o proclamem sahio, pelas circumstancias criticas em que acbamente se acha, elle que se tem em conta d'um talento raro, elle que se julga um lutador invencivel, um homem da tempera de Duganant, servo fiel do papa, e que no entanto o azorrague da razão feroz-lhe, sem piedade, a consciencia, essa pudridão onde se movem os vermes do remorso, essa consciencia negra como carvão, passada como clumbo. Ha consciencias pedantosas.

Eis a verdade:—os padres nesta terra vivem como christãos na Turquia e na China.

Esse homem, se é que o jesuita pode ser homem, que tem a facilidade de esconcear com o baco da pena, sempre goliante de si, toda feuta, depois de ter feito sumidamente confissão, advoga uma causa que está prestes a desaparecer, como tudo o que é inutil...

E esse homem, incarnação de toda baixesa, que teme em si Cain e Judas, que está para o homem como o pirilampo para a estrella, sonha com os tempos horrozosos da Inquisição, em quanto o catholicismo romano, esse plantissima velho e caduco, cheio de lepra, carregado de premissos, fuge acoutado pelo futuro...

E esse homem perigoso, que é a cabeça pensante de D. Antonio, cava, talvez sem o saber, o abysmo que ha de tragado.

O sr. D. Antonio está creando para si uma situação enbaraçosa, da qual talvez não possa sair.

E se diz que o verdadeiro autor disto tudo, que o unico culpado destas cousas é o sr. conego Mourão. Não acreditamos. Achamo-lo incapaz de querer perturbar o sucesso da nossa sociedade.

Chamamos, para o que se está dando, a attenção do illustre sacerdote.

Já uma vez convidamo-lo, a que tornamos a fazer agora, para que protestasse contra isso.

Temos pelo sr. conego Mourão muita sympathia e admiração, e por isso não podemos suppor que se feza delle um juizo tão desfavoravel.

Esperamos pelo protesto, para impossibilitar toda e qualquer duxida que possamos conceber.

Dr. Leão.

ATTENÇÃO.

Corria na Côte Com certa insistencia, Capricho da sorte! Que na Presidencia Do hom Maranhão Será collocado O Santo Mourão, Ficando a seu lado O douto Fonseca E toda Irmandade, Beatos da bréca, Que nesta cidade E em nome da cruz Repellem a luz.

Tinoco.

ECHOS DA RUA.

Os artífices da *Cariliosação* attribuem-nos no seu ultimo numero, por metaphora já se sabe, a distribuição da lithographia, que se ve em todos os cantos da cidade.

Esta *Scitiosissima* calunnia nos habilita a mandal-os para a Corte. Mas se o fizermos quem divertirá o publico? Onde iremos buscar novos histricos?

—Não, nada de prisão. Em primeiro lugar o publico a quem tudo devemos.

O perigoso *importado*, no seu ultimo numero, nada diz que offenda O Pessador.

—Mas é asneira tratando, agora quer tu falles, quer não, só te deixaremos, quando deres bem pela brida.

João Moura-grande disse na ultima *Veza* «qu'elle está fora da lei.»

—E verdade meu feio, mas nos te faremos entrar n'ella.

Os leitas da *psychiaca*, a convite do *Piracema*, resolveram por espirito de Santa imitação andar tambem de quatro pés:

—Pleuonastica resolução, porque obieto de la muito que tem aquelle direito adquirido.

Frei Magrico a *União* amou-se com os conegos infantis, que deram a brida a João Moura-grande.

—Não te zangues meu feio, que te mandaremos uma lambem.

Organou-se no Convento um curiozo bando de pastores em que o *Gercha* é gallego e Frei Magrico o ouço.

Nada mais interessante, diz-acs testemunha ocular, do que o *Antoninho* de calcadas folas cantando todo dengoso no lou do *caveiro* as seguintes quadras:

Ei sou um pobre gallego, Vindo das bandas d'alem, Sou bobinho, sou burrinho, Não fezo mal a ninguém.

Já fui corneta em popone, Já furtei um serrofinho; Uns me chamão D. Gercha E outros o *Antoninho*.

Mas com isso não n'importo O q'eu quero é fallar, Batam palmas pastorinhas Deixem o *Gercha* jogar.

As que as pasturas respondiam em coro:

Vamos á c'rua Lá da *Mineira*, Baspas caraca De D. Gercha

O gaito D. Gercha considera profanação os cânticos de Senhoras nos templos, e extasia-se ouvindo um solo de corneta!!!

—E bem certo o adagio—O mel não se fez p'ra boca do asno.

Lê-se na *Grilva-o-cão* n. 20, de 25 do corrente:

«As pessoas que não tiverem recebido as cartas nos mecos do Maranhão, podem procural-as nas ruas das Grilvas n. 83 e do Alerim n. 23, residencia, do illustre Sr. capitão Enchides Faria. —Nossos parabens a seu Capitão.

Dizem que a prohibição das missas na noite de 24, foi só para ferir um distincto titular do quem S. Exc. Revm. não gosta. —Isto seria triste, se já não fosse supinamente caricato.

O vigario de *Piracema* depois das rezas de Santo Antonio, pueha por distração a *velha da sala*.

—Boga-o Deus coladinho, tem o curso completo.

O gaito D. Gercha, não querendo ficar alraz das *infantis* que offereceram a brida a João Marrano, mandat-lhe tambem um bonito e valente cabeção.

—Assim são felizardo.

Dizem que o gaito D. Gercha e João Moura-grande forão á Policia pedir permissão p'ra andar amados!!!

—Se assim é, temos grande satisfação em offerecer a s. s. Revm., uma boa risada.

As embarque do illustre conego Purificação apenas foram 3 sacerdotos: os conegos Severino e Theodoro Castro e o padre Sadré!

—Andon mal o clero maranhense, porque essa feiz ingratição não o livra dos concos do miseravel *importado*.

O vigario de *Piracema* que se dizia amigo do conego Purificação tambem não foi ao seu embarque!!!

—Mas esse não admira porque vive do pirão de Santo Antonio.

Movimento dos templos—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Beatas offensivas.....	5
Ditas da <i>patiscuda</i>	18
Thesoureira fornida.....	1
Zeladora espigada.....	1
Grande chefe <i>caoi</i>	1
Seo pausinho sem no.....	1
Jesuitas honios.....	10
Ditos por dinheiro.....	3
Dito marca <i>caoi</i> (alferes).....	1
Curiosos diversos.....	5

NB.—Seo Puzza li estava e Nha Salú tambem.

Pauta semanal das vizitas de D. Gerolamo no Convento:

Dezembro—1880.

- 19—Entrou ás 7 da manhã com um forniço e sabio ás 11 com o mesmo.
- 20—Não foi beber jussara.
- 21—Não foi comer abacate.
- 22—Não foi jogar a nickol.
- 23—Não matou saudades.
- 24—Teve medo de sair.
- 25—Entrou ás 7 1/2 com um infantil e tres filhos de padre, dançou de Gallega com as pastorinhas e sabio ás 11 1/2, com os mesmos.
- 26—Entrou ás 7 1/2 com a mesma tropa, dançou de Gallega e sabio ás 11 1/2.

GERONICA

No vapor de 28 ultimo retirou-se para o Rio de Janeiro o estimado senhor conego Purificação.

Foi uma sabida gloriosa a do illustre sacerdote—na comitiva de s. rvm. achavam-se representadas todas as classes e todas as corporações desta cidade—havia o negociante, o empregado publico, o professor, o estudante, o jornalista, o caixeiro, o operario e o simples curioso.

O que menos havia eram padres—a exceptuarmos honrosamente os senhores conegos Severino e Castro, o padre Sudré e mais um joven ecclesiastico, que tambem se achava presente, podemos dizer que o illustrado Cabido desta provincia vio indifferentemente seguir do mado para o Rio de Janeiro o homem que mais honrou o Clero maranhense.

Com effeito!—é preciso que a paixão de partido, que a cegueira do interesse ou talvez o capricho da vaidade, tenham enbotado completamente um coração, para apagar nelle o sentimento mais perduravel em todo o homem—o espirito do classe!

E' preciso ter abdicado inteiramente dessa propriedade racional, que distingue o homem da besta, para deixar sair um collega, um companheiro de trabalho, por bem dizer um irmão, sem dizer-lhe ao menos—adeus!

E' preciso ser muito invejoso e não para assistir á partida de um confrade illustre e de reconhecido merecimento, sem render-lhe a sequer as honras que se concedem aos homens vulgares.

E tudo isso porque?

Porque o senhor conego Purificação não transigiu com os seus principios solidos de moral e de philosophia; porque não se deixou corromper com o procedimento irregular de um aventureiro; porque não desceu de sua dignidade e de seu cavalheirismo para acompanhar o coro de injurias, que um espirito mal intencionado e expendedor levantava contra a população inteira de uma provincia, que sempre o acolhera de braços abertos.

E a população desta cidade, rendendo ao senhor conego Purificação o respeito e o acatamento, que sempre lhe tributou até a hora de sua partida, não fez mais do que sua obrigação, porque si algum soube reunir ao desempenho glorioso de um sacerdote, o cumprimento fiel de seus deveres civis e particulares—foi elle. Ninguém apresentou ainda melhor exemplo do padre consciencioso e do chefe do familia devotado e incansavel pelos seus.

Pois bem! como foi que a redacção do unico jornal ecclesiastico desta cidade co-

tebriu a retirada desse homem de bem, que tanto illustrou o clero, que tanto enobrecou o pulpito, que tanto ferrou a imprensa?

Como?—deixando-se ficar em casa, na intimidade de suas chinelas e publicando machiavelmente, contra o illustre collega, um insulto indirecto com o titulo de—*Os prudentes*.

Mas é que felizmente as injurias dessa crebrou nunca alcançaram o alvo—voltam á cara de quem as expelle.

Entretanto, amigos e apreciadores como somos do senhor conego Purificação, falgamos com a medida que s. rvm. temou desgastando-se inteiramente de um grupo de jesuitas, que acabaram sem dívida por se devorar uns aos outros.

A retirada do illustre sacerdote significa a mais evidente prova da inteireza de seu caracter e da sua dignidade pessoal. E *O Pensador*, que tem sempre baseada a lula da Justica, não podia, á imitação do jornal catholico, deixar de consignar nestas columnas um facto tão caracteristico e tão nobremente accentuado.

Nossos respeitos por conseguinte ao senhor conego Purificação.

Alem do monstruoso crime, que noticia o *Jornal do Recife* e cuja transcripção fazemos em lugar competente, deparamos no *Norte* do Pará um outro delicto de identica maldade e crueldade—O reverendissimo padre Manoel Carlos do Nascimento, vigario da cidade de Bragança, sentindo-se tomado de amores por uma bella menina, filha do fallecido capitão do exercito Pedro José Pereira, convençoa, por meios brandos e suavios, que devia confessar-se de voz em quando a escolheu o para seu confessor.

A innocente rapariga cahiu, como era de esperar, no laço e encontrou no confessoriano, não o confortavel balsemo da religião christã, mas os labios sensuaes do padre Nascimento, que a devorou de beijos.

E dahi em diante, mais do que a fe no coração crescia-lhe no ventre a deshonra.

—E o padre?!

—O padre continua inalteravelmente a erguer o calice sagrado no meio do esplendor do altar, continua a juntar e separar as mãos, com os olhos pregados no terço da igreja e a dizer com a voz grave e cheia de religião—*Oremus!*

Entretanto esperamos que destas repetidas limgões, tão poderosamente significativas, aproveitem as familias maranhenses, tendo de hora em diante mais alguma aquella na escolha do confessor de suas filhas, principalmente si forem estas raparigas do olho preto e da cara redonda.

E, desejosos de prestar um relevante servico ás nossas comprouvincianas, desde já indigitamo-lhes, como pessoa conveniente e segura para uma confissão, o senhor padre Miranda, que não gosta nada de moças!

S. exc. rvm. prohibio que continuasse o abuso de celebrarem-se na noite de Natal, missas fora da cathedra.

Achamos sumamente razoavel e do grande utilidade semelhante medida. Todavia, convem declarar que ella, como todo o rasgo de reforma e como todo grande commetimento, levantou entre nós innumera celenna e espalhio boatos assustadores, que obrigaram s. exc. e o senhor conego Mourão a tomarem todas as precauções contra qualquer investidura, que por ventura quizesse fazer contra elles alguma pedreira de ligados menos razoaveis.

Cus diziam que o que levava s. exc. a prohibir as missas era o recuo de que os pensadores livres se prevalessem da hora propicia, para ajustar certas contas atrasadas com as respeitaveis costas de s. exc., e outras costas não menos respeitaveis.

Outros affirmavam que o acto de s. exc. era de um grande alcance politico—que s. exc., prohibindo as missas nas outras igrejas, tinha em vista reunir todos os devotos na Sé, e depois do cathedri-

sal-os e armal-os até os dentes, levá-los em forma á bombardar a cidade. Que para isso s. exc. contava com as suas appetições militares.

Outros affingavam que aquillo de s. exc. era simples arroteo do senhor visconde de Raipi do Norte.

Outros queriam que s. exc. prohibia as missas, porque prohibia mesmo, não estava a par isso—cabo!

Outros ainda—que s. exc. prohibia por isto; e outros—que s. exc. prohibia por aquillo!

E no entanto (vejaam como são as coisas) s. exc. prohibio nas missas, só porque as missas eram do gallo.

Ora ahí está!

Si as missas não fossem do gallo, s. exc. não as prohibiria.

—Porque? Por uma razão muito simples—s. exc. tem horror aos gallos! E este horror data do convento.

Um dia—era no verão—s. exc. fumava o seu cigarrinho encostado ao parapeito da varanda do convento, conversando entre dms irmãos do ven, quando, indo a voltar a cabeça para o quintal, dá com a cara muito expressiva de um gallo, que o fixava, assim de banda, com o seu olho mudo relendo e moleiro.

E aquelle olhar insistente e moleiro do gallo, irritou os nervos de s. exc.

Contudo, s. exc. voltou-se para a varanda e continuou a conversar—Pois é o que lhes digo, muitas queridas filhas—aquello doce de mamão si levasse menos assucar provaria melhor!...

—Perdió, senhor Bispo, levou a casta!...

—Mas o mimido... lá dizer sentenciosamente s. exc. quando o gallo latou as azas e interrompen-o com uma surriada fumidavel.

S. exc. ficou serio e olhou para o quintal—lá estava o ladrão a olhal-o, com o pescoço mudo estendido, o bico todo aberto, as azas levemente levantadas. Tinha-se empoleirado no girao e, ludo empertigado, solhejava ainda a sua ultima nota, quando s. exc. virando o polegar para o quintal, perguntou a uma das irmãs—de quem é este bicho?

A irmã lá responder, quando o bicho latou de novo as azas e interrompen-a.

Oh! fox s. exc. escandalisado, e frazio as sobranceiras para o gallo.

Este porem não fez caso da reprehensão e continuou com a troca.

—Tu m'as pagaris, disse s. exc., contigiver—e no outro dia o gallo era um cadaver.

.....

No entanto, desde esse momento fatal que o espectro horrivel da victimia de s. exc. a perseguia por toda parte—si s. exc. dormia, sonhava com elle—ora depenhado a regandolhar medonhamente as gambias, ora todo arripado, informe, a esvoagar por sobre a cabeça de s. exc., ora negro e sinistro a perpassar no azul plumbao do ceu, ora a caçarjar no topo de um gallinheiro, ora a beliscar a pelle da barriga de s. exc., ora a metter o bico nas orelhas de s. exc., ora a esgaravunchar com as unhas as respeitaveis ventas de s. exc.

E o espectro crescia, diminua, ficava as vezes innumavelmente terrivel.

E s. exc. então não teve mais tranquillidade—si era igreja—lá, sobre a torre, o maldito espectro de folha de Flandres o contemplava—si acitava um jantar de um amigo—lá, entre as ignurias, estava a malito assado, hieto, com as pernas cruzadas, a uma resignação atoradora.

E por essa epocha, nas horas mortas da noite, s. exc. foi ouvido a cantar como gallo, na agonia suarenta de um pezado.

Foi nossas circumstancias, foi possuido de uma forte gallomania que s. exc. viu chegar o dia de Natal.

A crise estava eminente—era bastante um sopra e a roela desalava—foi o que succedeu.

—S. exc. o sur. presidente da provincia, desejando celebrar a noite de Natal na capella de seu palacio, mandou ao

bispaço um portador pedir a competente licença para se rezar a missa do gallo.

—Do gallo?! exclamou s. exc. rvm. ao ouvir o recado.

O portador respondeu com um movimento afirmativo de cabeça.

—Nunca! nunca! *juavis de la vie!*

E s. exc. arregalou os olhos e remou com os braços abertos—linda-lhe voltado o delirio.

—Não me persigas espectro implacavel! Leonor! tu morto!

E s. exc. tinha um tremor na voz.

O enviado então aproximou-se mais de s. exc. e ia acalmal-o, quando elle, fingindo aguilento, saltou duas cadeiras e tropeçou com ligeireza sobre uma cadeira.

E chi sobrou, levantado a cabeça, latou com os braços dobrados nas costellas, espichou o pescoço, abriu a bocca e exclamou a um delirio—*Có-có-ró-có!*

—Coi! respondeu o enviado.

—Coi! repetiu o echo ao longe.

E s. exc. rvm. cahiu a uma prostração.

E desde esse instante supremo—a todas as pessoas que vão pedir missas, que vão pedir esoladas, que vão em simples visita, s. exc. responde—*cu-co-ro-có!*

E lá assim que a *coarocó* elevou-se á altura de um principio—a *coarocó* deixou do ser a simples gargalhada do gallo, para ser uma instituição, para ser um fim, para ser uma philosophia!

De ora em diante s. exc. não tem mais do que oppor o seu cocorocó a todos os obstaculos, a todas as correntes, a todas as evoluções, a todas as crises, a todas as reacções, que por ventura rebentem contra a igreja. —Apparece um jornal de idéas contrarias ao catholicismo?—*alre z, exc. a boca o—coarocó!* apresenta-se no paro uma viúva a pedir uma esnola?—*letra s, exc. o olhar n'um ponto e—coarocó!* Amofina-se o povo—*coarocó!* Conspira a Maçonaria—*coarocó!* O povo arma-se—*coarocó!* O povo mette o pé—*coarocó!*

Coarocó! sempre *coarocó!*

E de hoje em diades, exc. ficará sendo para todo o sempre o legitimo, o genuino, o verdadeiro—*homem do gallo!*

João Baptista Guimarães não foi mais que um preanuncio, podemos dizer um presentimento—o puro homem do gallo, o seu mistura é s. exc. reverendissima.

E agora! falgao povos! exultae de alegria, gerações escravas!—existe o verdadeiro homem do gallo! em todo o expiendor de sua grandeza!

E nós, humildes servos de s. exc., vergamos respeitavelmente nossa cabeça, tiramos nosso chapéu e, com um joelho em terra e uma mão sobre o coração, diremos com toda a convicção—*co-ro-có!*

EXPEDIENTE.

Recebemos e agradecemos:

Um exemplar, em setim, da edição extraordinaria da *Parvella* dedicada á sympathia e uni esperancosa pugista parense, Malia Franca. Recommenda-se esta edição, não só pelo trabalho typographico, que está bom, como tambem pelos seus artigos e poezias, devidos á pena de varios e talentosos moços da nossa sociedade.

Um exemplar dos apontamentos escriptos pelo sr. Francisco Xavier Rodrigues de Souza, em uma viagem que fez do Pará á Colombia. Revela o seu intelligente autor, neste pequeno trabalho, um aturado amor ao estudo e ás investigações scientificas, tornando-se por isso a sua obra muito recommendavel.

—Os seguintes jornaes:

Grav-Alense (Rio-Grande do Sul) e a *Gazetinha*, pequeno, porem importante orgão, que se publica na Corte.

As illustradas redacções retribuirmos, com prazer, a lueza que tiveram para commosco,—enviando-lhes o nosso jornal.

Maranhão.—Impresso na Typ. do Fries.